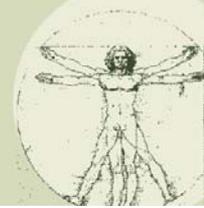




IV CSBCE
IV CONGRESSO SULBRASILEIRO
DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Faxinal do Céu - PR
19, 20 e 21 de setembro de 2008

CIÊNCIA e EXPERIÊNCIA:
Aproximações e Distanciamentos



AS PRÁTICAS CORPORAIS COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: O CASO DO FUTEBOL DENTRO DO CAPS (CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL)

Leonardo Trápaga Abib

Acadêmico da Escola de Educação Física - UFRGS

Alex Branco Fraga

Doutor em Educação - UFRGS

Professor da Escola de Educação Física - UFRGS

Felipe Wachs

Mestre em Ciências do Movimento Humano - UFRGS

Cleni Terezinha De Paula Alves

Graduação em Educação Física - Unisinos

RESUMO

A presente investigação tem por objetivo analisar os valores atribuídos pelos usuários do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), mais especificamente o CAPS II/adulto, localizado em um hospital de Porto Alegre, à oficina de futebol e as repercussões desta prática no projeto terapêutico da instituição. A metodologia de pesquisa a ser utilizada nesta investigação é a etnografia e durante dois meses serão observadas as oficinas de futebol que serão documentadas em diários de campo. O trabalho está em andamento, logo não apresenta resultados conclusivos, porém, pode-se ver a motivação e o interesse dos usuários que participam da oficina de futebol.

ABSTRACT

The follow investigation has the propose to analysis the meaning for the Psychosocial Attention Center (PAC)'s users, specifically the PAC II/adult, in a Porto Alegre hospital, the soccer workshop and the repercussion of the practice regarding the therapeutic project in this health institution. The methodology applies on this research is the ethnography and field observations on the soccer practice during two months documented on journals. This is an investigation on marching so it is not possible reach conclusion. However, the motivation and interest of the users at the soccer workshop are already notorious.

Introdução

O campo da saúde mental vem passando por diversas transformações no Brasil, principalmente a partir da década de 1970, quando a Reforma Psiquiátrica ganha espaço num cenário em que o movimento sanitário começa a emergir com força no campo da

saúde. Transformações que vislumbravam por um atendimento mais humano e não centralizado em hospitais psiquiátricos, ancoradas em projetos terapêuticos pautados na inclusão das pessoas com sofrimento psíquico e não na reclusão. Um dos reflexos desta corrente foi a criação dos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial), cujos objetivos são “prestar atendimento clínico em regime de atenção diária, evitando assim as internações em hospitais psiquiátricos; promover a inserção social das pessoas com transtornos mentais através de ações intersetoriais” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005). É neste espaço em que as práticas corporais estão conseguindo se inserir.

O professor de educação física vem se inserindo no campo da saúde mental por meio dos CAPS, através de oficinas terapêuticas baseadas em práticas corporais das mais diversas.

Num dos CAPS da cidade de Porto Alegre, localizado dentro de um grande hospital, oficinas como as de dança, caminhada, tênis, jogos, vivências corporais e futebol fazem parte da rotina de muitas pessoas com sofrimento psíquico, juntamente com outros tipos de oficinas além das consultas médicas.

E o objetivo desta investigação é justamente analisar os valores atribuídos pelos usuários do CAPS II/adulto, localizado neste grande hospital de Porto Alegre, à oficina de futebol e, bem como as repercussões desta prática no projeto terapêutico da instituição, tentando compreender o papel da educação física no campo da saúde mental através do olhar daqueles que nela interagem.

A relevância deste trabalho está no fato de apresentar à comunidade em geral que há meios de introduzir-se as práticas corporais no tratamento terapêutico dos usuários de saúde mental. Também é relevante apresentar o futebol, enquanto uma prática corporal bem difundida e adaptada ao nosso cotidiano, como uma das práticas corporais que podem ajudar as pessoas com sofrimento psíquico dentro de um processo de reinserção social e busca de autonomia.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa será desenvolvida na perspectiva qualitativa tendo em vista que este termo é “[...] empregado para sustentar um leque de técnicas de investigação centradas em procedimentos hermenêuticos que tratam de descrever e interpretar as representações e os significados que um grupo social dá à sua experiência cotidiana.” (MOLINA NETO, 2004, p. 112). Foi feita a escolha por este tipo de pesquisa por privilegiar a análise e a interpretação do comportamento de membros de uma determinada comunidade, que é um dos objetivos deste trabalho.

Como um dos princípios da etnografia é a imersão na cultura estudada, conforme Stigger (2002), que objetiva interpretar esta cultura a partir das significações que os indivíduos atribuem aos seus comportamentos, um dos procedimentos a serem adotados será a participação e a interação durante a oficina de futebol por dois meses, a fim de tentar captar da maneira mais natural os sentimentos que os participantes expõem no jogo e também compreender o espaço em que estes estão inseridos. As informações serão documentadas em forma de “diário”, contendo falas mais gerais, descrições de jogadas e reações dos usuários.

Os sujeitos que participarão desta pesquisa serão os usuários do CAPS II/adulto de um grande hospital de Porto Alegre-RS que participam da oficina de futebol sempre às quintas-feiras no turno da tarde. Não será excluído nenhum participante e todos estarão sob observação dentro desta oficina, independentemente da sua frequência na atividade. Estes participantes são pacientes que possuem variados transtornos

psiquiátricos como a depressão, o transtorno bipolar e esquizofrenia. As idades dos participantes variam de 18 até 55 anos e todos são do sexo masculino.

Perspectivas da educação física no campo da saúde

Apesar das recomendações em voga sobre atividade física e saúde estarem centradas nas recomendações do *American College of Sports Medicine* (ACSM) e *Centers for Disease of Control* (CDC), basicamente a realização de 30 minutos de atividade física moderada de forma contínua ou acumulada durante o dia em quase todos os dias da semana (PATE et al., 1995), para evitar ou deixar de ser sedentário, o trabalho com a educação física no campo da saúde não se encontra restrito à ordem biomédica, apesar de majoritário. Está, também, marcado por um referencial crítico oriundo das ciências sociais e conectado às estratégias de promoção para uma mudança social, ambiental e comunitária (DAMICO, 2007).

Vale lembrar o conceito de saúde formulado por ocasião da VIII Conferência Nacional de Saúde em que essa “é o resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde” (RELATÓRIO FINAL DA 8º CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 1986, p. 4), logo seria uma forma reducionista tratar a saúde como apenas a ausência de doença ou então medicalizar as práticas corporais em prol de um estilo de vida saudável como é o caso dos 30 minutos acumulados durante o dia em quase todos dias da semana.

É dentro de uma perspectiva mais crítica que a educação física será tratada neste trabalho, conectando a atividade física e saúde com questões sociais mais amplas, como os problemas e condicionantes econômicos, culturais, étnicos e políticos que impedem a tomada de decisões mais saudáveis (DAMICO, 2007).

De acordo com Silva e colaboradores (2006), hoje já não é mais possível restringir saúde à ação médica, por isso, seria interessante a intervenção de outras áreas do conhecimento. O professor de educação física pode aparecer como um dos agentes que intervém em favor de uma prática mais ampla, integral de promoção de saúde, num processo que privilegia o sujeito em vez da doença.

Quando propomos o trabalho com a educação física numa proposta mais integral de saúde no campo da saúde mental, estamos propondo no sentido atribuído por Malavolta e Wachs (2005): “a inserção de um trabalho que aborda o sujeito de uma forma integral possibilita, através de atividades corporais, a valorização de aspectos saudáveis sempre tão ignorados em uma instituição que reflete o tratamento centrado na doença” (p.7).

É através de um viés crítico, que visa à transformação social dos sujeitos com sofrimento psíquico, que podemos inserir a educação física por meio das práticas corporais que busquem integrar os sujeitos com o meio, valorizando-os como participantes ativos do processo terapêutico e não os deixando a mercê de ambientes e práticas reclusas que não visem a reinserção social deles nas comunidades.

Os caminhos instigados pelo futebol

O esporte, de acordo com Bracht (1997), tornou-se a expressão hegemônica no contexto das práticas corporais e de movimento e isto diz respeito também ao futebol, prática que se popularizou no mundo e principalmente no Brasil.

Na introdução do livro “Futebol e Sociedade”, de Heloisa dos Reis e Thiago Escher (2006), os autores colocam que o futebol é um dos principais conteúdos da Educação Física e que a assistência a espetáculos de futebol é a atividade de lazer esportivo mais praticada no mundo, e seu estudo para as áreas de Lazer, de Esporte e de Educação Física, especificamente no Brasil, se torna um estudo de extrema relevância social. Daí pode-se perceber o valor que o futebol tem para a sociedade, a necessidade de estudá-lo enquanto forte componente da cultura brasileira e o que este pode instigar em professores, torcedores, praticantes e, como é o propósito deste estudo, em usuários de saúde mental.

Para Daolio (1989) o futebol é uma prática social que, como tal, expressa a sociedade brasileira, com todas as suas aspirações mais antigas, seus desejos mais profundos e suas contradições mais camufladas e, além disso, é uma expressão da sociedade brasileira, logo podemos ver que esta é uma prática corporal muito ligada à nossa cultura e, também por causa disto, tornou-se o objeto de estudo desta pesquisa.

Esta prática corporal se torna uma ferramenta terapêutica importante justamente por ser uma prática que pode fazer parte da cultura de muitos dos usuários de saúde mental, sendo, portanto, uma forma de aprender a lidar com muitas situações como a competição e a coletividade, podendo ser um meio de os usuários se reinserirem em suas comunidades.

Wachs (2008), em pesquisa desenvolvida sobre as práticas corporais nos CAPS da região metropolitana de Porto Alegre-RS, relata que “o futebol [...] pode ser utilizado como um dispositivo terapêutico que oferece continência ao sofrimento. Pode ser também uma prática comum na comunidade do usuário, de forma que sua prática no CAPS pode potencializar novas redes de pertença a ele” (p. 100).

O interessante nesta pesquisa é saber o que o futebol, diante de todos seus aspectos culturais, pode instigar nos usuários de saúde mental, visto que muitas vezes é uma prática muito ligada com a competição, fator que pode acarretar em atitudes comportamentais indesejadas pelas pessoas que realizam o cuidado em saúde mental.

Conclusão

Por ser um trabalho ainda em andamento, não são apresentados resultados conclusivos, no entanto, já foi possível observar que os usuários que participam da oficina de futebol parecem bem interessados na prática deste esporte e conseguem lidar com situações distintas de jogo como vitória, derrota, a celebração de um gol ou o lamento por um gol sofrido. Os participantes se comunicam, se movimentam e são participativos na oficina, salvo algumas exceções, que são aqueles usuários que parecem mais tímidos ou talvez mais comprometidos devido ao estágio em que a doença se encontra, porém, como foi dito acima, aqui estão sendo esboçadas apenas suposições e relatos de observações.

Pela motivação, e pelo nível de integração visto até então, este espaço pode ser muito interessante para o trabalho do professor de educação física numa perspectiva ampliada e integrada de saúde.

Referências

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Esportes. 1997.

CONFERÊNCIA REGIONAL DE REFORMA DOS SERVIÇOS DE SAÚDE MENTAL: 15 ANOS DEPOIS DE CARACAS. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Relatorio15%20anos%20Caracas.pdf>> Acesso em: 28 de maio de 2008.

DAMICO, José Geraldo Soares. Das possibilidades às incertezas: instrumentos para intervenção do profissional de educação física no posto de saúde. In: FRAGA, Alex Branco. WACHS, Felipe (orgs.). **Educação física e saúde coletiva**: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 73-86.

DAOLIO, Jocimar. O drama do futebol brasileiro: uma análise sócio-antropológica. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 3, n. 5, 1989.

FRAGA, Alex Branco. WACHS, Felipe (orgs.). **Educação física e saúde coletiva**: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

MOLINA NETO, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PATE, R.; PRATT, M.; BLAIR, S.; HASKELL, W. et all. Physical activity and public health: a recommendation from the centers for disease control and prevention and the American College of Sports Medicine. **JAMA**, v.273, n.5, p.402-7, 1995.

REIS, Heloisa Baldy dos. ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e Sociedade**. Brasília, Líber Livros, 2006.

RELATÓRIO FINAL DA 8ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE. Brasília, 1986. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorios/relatorio_8.pdf> Acesso em: 30 de julho de 2008.

SILVA, Cinthia Lopes da. BRASIL, Fernanda Kundrát. FREITAS, Fabiana Fernandes de. Práticas corporais e saúde: novos olhares. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 169-183, 2006.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, Autores Associados. 2002.

WACHS, Felipe. MALAVOLTA, Márcio de Almeida. Pode ser a oficina de corporeidade uma alternativa terapêutica na saúde mental? **Boletim da Saúde**, Porto Alegre, v.19, n.2, p.13-20, jul/dez. 2005.